

NOTAS IBÉRICAS E CONVERSAS SEM PRESSA: LEGADOS

JOSIAS ABDALLA DUARTE*

As aulas de História Ibérica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) na década de 1980 eram o seu lugar. Costurando reinos e línguas de Portugal e Espanha entre as Idades Média e Moderna trazia em pontos e capítulos a História da Península. Ao alcance de suas mãos pequenas os livros de sua biblioteca pessoal aguardavam sobre a mesa. Emprestava-os aos leitores interessados de forma generosa. Eram assim as suas aulas e foram nesses dias que eu conheci aquela que seria grande amiga. Sempre difícil falar de amizades em ambiente tão pouco propenso à aproximação. Maria Angélica preferia cultivar o afeto e o respeito. Adorava partilhar descobertas e entusiasmar os que vinham falar-lhe.

Tempos mais tarde, tive o privilégio de contar com a sua atenta interlocução em pesquisa sobre as gentes moçárabes dos reinos medievais ibéricos. Eram os dias da passagem da graduação para o mestrado e Maria Angélica sugeria leituras e anotava passagens de meu projeto. Ouvidos atentos e sempre uma lembrança bibliográfica a partilhar. Fazer-se pesquisador de tema medieval reservava contratempos, afinal, Idade Média e Península Ibérica eram territórios alheios aos departamentos de História. Remava-se contra águas indispostas e Maria Angélica dispunha-se a ajudar a todos que quisessem se lançar às águas. Foi dela, a propósito, o primeiro

* Pós-doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e docente da PUC-SP. E-mail: <dabuz@uol.com.br>.

convite que recebi para falar de al-Andaluz (Islã Ibérico) e do lugar ocupado pelo cristianismo, islamismo e judaísmo nas sociedades medievais. Àquela altura tratar disso em sala de aula fugia por completo aos roteiros estabelecidos.

Acalentamos, certa oportunidade, a criação de núcleo de pesquisa que tratasse de História e Literatura na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Ocasão que me permitiria ouvir as suas leituras do escritor paraguaio Augusto Roa Bastos e da maneira criativa como combinava ficção e trama histórica. Tudo tecido em romance que combinava as línguas castelhana e guarani; a propósito, zelosa cuidava de guardar o bilinguismo aprendido em seu país natal – o Paraguai – como lugar de cultura e de afeto no seu dia a dia no Brasil. A literatura de Roa Bastos, aos seus olhos, era ficção que de forma aguda falava do seu Paraguai e de agruras políticas nas mãos de um ditador e de oligarquia pesada.

Sugeri, certa vez, entrevista na qual ela pudesse revisitar períodos de sua história como filha de diplomata paraguaio avesso ao governo de Alfredo Stroessner e todas as consequências dessa posição para a Família Careaga Soler. Infelizmente, adiamos repetidas vezes este trabalho e ele jamais ganhou forma.

Ministra da Eucaristia na Paróquia do Imaculado Coração de Maria em Santa Cecília, na cidade de São Paulo, era oportunidade em que tinha de viver e praticar a sua fé de forma devotada. Devoção, aliás, que de forma generosa a levava a compartilhar as hagiografias que conhecia e que venerava. Caso, por exemplo, de imagem da Virgem de Caacupe, com a qual fui presenteado no retorno de uma viagem sua à cidade de Assunção. A aposentadoria da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo não a afastou de seus projetos e linhas de pesquisa. Manteve-se ativa junto ao Lato Sensu de História que ajudara a criar e a organizar.

História e Gênero, História e Imaginário eram suas cadeiras. Vivi a satisfação de, em mais de uma oportunidade, oferecer curso em parceria com ela.

Não, não são episódios de uma vida acadêmica que registro aqui, mas antes, histórias de tertúlias, de encontros para acertos de textos e de leituras, de amigos que querem mais. Tudo correspondia a determinada maneira de viver o mundo e reclamar deste sincera cordialidade. Boa maneira de corresponder à lembrança saudosa está em manter-se desperto para o espírito de camaradagem que zelosa Maria Angélica cultivava.